



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 1042-1053, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

A PARTICIPAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIALIZAÇÃO E INTERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

TEACHER PARTICIPATION IN THE DEVELOPMENT PROCESS OF SOCIALIZATION AND INTERACTION BETWEEN CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Maira Aparecida de Lima

RESUMO

Este artigo trata do trabalho pedagógico com crianças que possuem dificuldades na formação da autonomia e socialização, em especial as que apresentam comportamento agressivo. Os sujeitos da pesquisa foram crianças, com episódios agressivos e com professoras de duas Escolas de Educação Infantil. A coleta de dados se deu por meio de observações e entrevistas. As obras de Paulo Freire e Levi Semenovitch Vygotsky foram utilizadas como base teórica para o presente trabalho. Conclui-se que essas crianças necessitam de intervenção e que o professor é o maior responsável por tal ação pedagógica no desenvolvimento social dessas crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Intervenção. Socialização.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A PARTICIPAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIALIZAÇÃO E INTERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação da Dra. Irene Carrillo Romero Beber, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

This article discusses the pedagogical work with children who have difficulties on autonomy construction and in socialization, especially those that present aggressive behavior. The subjects of the research were children with aggressive episodes and teachers of two schools of Early Childhood Education. Data collection was carried out through observations and interviews. Paulo Freire and Levi Semenovitch Vygotsky's oeuvre were used as theoretical foundation for this paper. It is concluded that these children need intervention and that the teacher is the main responsible for such pedagogical action in the social development of these children.

Keywords: Early Childhood education. Intervention. Socialization.

Correspondência:

Maira Aparecida de Lima. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: maira.amt.ml@gmail.com

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 24 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3334/2395>

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intuito apresentar os resultados de uma pesquisa de campo realizada cidade de Sinop, com o objetivo de compreender o papel do professor de educação infantil durante o processo de formação da autonomia da criança com dificuldade de socialização. É dada ênfase às práticas pedagógicas e de intervenção nas manifestações de agressividade infantil.

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil, por meio de observação participativa e entrevistas com duas professoras de duas Escolas de educação infantil da cidade de Sinop, chamadas neste artigo de P1 e P2 que atuam em turmas de zero a três anos. Foram observadas as práticas de intervenção dos professores observados e a forma como eles podem facilitar o processo de

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudo de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

adaptação das crianças com dificuldade de socialização e manifestações de agressividade.

O foco foi a análise do comportamento das crianças e dos professores, focando na organização pedagógica por parte do professor de educação infantil, a ação do professor na sala de aula e nos espaços externos, durante as atividades diárias e como ele trabalha os comportamentos agressivos das crianças. As dificuldades e desafios diários e como o professor aprende a lidar com elas facilita o entendimento do processo de evolução da criança para que essa consiga se relacionar normalmente com as demais no seu convívio social da escola.

Observou-se que há pouco apoio e envolvimento por parte da instituição e bem como da direção e da coordenação pedagógica quando esses casos ocorrem. Com o artigo busca-se mostrar a importância de tal apoio por parte da instituição, da direção.

2 A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E O NASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL DA CRIANÇA

Para que iniciar a discussão da participação docente na construção da autonomia, pode-se abordar o incentivo das habilidades da criança, o que pode inspirar a participação e o desenvolvimento de novas habilidades, oferecendo segurança no ambiente escolar para que ela se solte e se sinta capacitada a fazer novas atividades, mesmo que não seja familiar.

O comportamento da criança entra em nossa discussão para visualizemos que sua comunicação está em todas as suas ações por isso é importante estar atenta a uma manifestação mais alegre no escorregador, pulinhos repetitivos pode ser uma tentativa de demonstrar uma habilidade e ser reconhecido como autônomo, alguém que produz algo, que aprendeu sozinho, ou que viu alguém fazendo e descobriu sozinho que conseguia fazer algo.

Saber enxergar a frustração da criança que não consegue se expressar pode dificultar a adaptação na instituição, em seus vários ambientes, pois a convivência com as demais não é uma opção assim como a convivência em sociedade durante toda a vida. A convivência em ambiente coletivo é extremamente importante para a formação da autonomia.

Enfim, o conhecimento sobre a história da criança deve sempre ser levado em consideração quando a professora se vê em uma situação de dificuldade com a adaptação e autoafirmação, no processo de formação de sua autonomia.

As dificuldades de adaptação não devem servir como rótulo, episódios esporádicos de agressividade não podem definir sua personalidade. As formas como é trabalhado seu comportamento podem influenciá-la na evolução de seu comportamento social no decorrer da educação infantil, onde a criança transita, por todas as formas de expressão. A mesma criança que apresenta um comportamento tão extremo chegando às mordidas e agressão infantil pode ser carinhosa e ter demonstrações de afeto constantes com os colegas e professores como observamos em Vygotsky (1991, p. 18):

É esse papel de transição da fala egocêntrica que lhe empresta um interesse teórico tão grande. Toda a concepção do desenvolvimento da fala varia profundamente, de acordo com a interpretação que for dada ao papel da fala egocêntrica. Desse modo, o nosso esquema de desenvolvimento primeiro fala social, depois egocêntrica, e então interior diverge tanto do esquema behaviorista - fala oral, sussurro, fala interior quanto da sequência de Piaget que parte do pensamento autêntico não verbal à fala socializada e ao pensamento lógico, através do pensamento e da fala egocêntricos. Segundo a nossa concepção o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual.

Neste contexto, o professor é peça fundamental no processo de autoconhecimento, pois é preciso que a criança também faça parte da formação do seu autoconhecimento. A própria criança sentir-se parte do processo educacional na educação infantil necessita de muito diálogo e compreensão, os sentimentos são o centro das atitudes delas e norteiam suas atitudes.

2.1 A ética e a amorosidade na pedagogia: a construção da autonomia

A pesquisa teórica expõe que toda criança tem uma área de conhecimento própria, um talento que ela desenvolve sem a ajuda ou interferência. Ela demonstra cedo esses talentos e se sente à vontade em praticar ou exibir para as outras. Usamos essa área de conhecimento mais próxima da criança, na educação infantil para aproximação da realidade e para que ela se sinta à vontade para o desenvolvimento de sua autonomia, como aponta Vygotsky (1991, p. 1):

Consideramos que o desenvolvimento total evolui da seguinte forma: a função primordial da fala, tanto nas crianças quanto nos adultos, é a comunicação, o contato social. A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social. A princípio, é global e multifuncional; posteriormente, suas funções tornam-se diferenciadas. Numa certa idade, a fala social da criança divide-se muito nitidamente em fala egocêntrica e fala comunicativa. (preferimos utilizar o termo comunicativo para o tipo de fala que Piaget chama de socializada, como se tivesse sido outra coisa antes de se tornar social. Do nosso ponto de vista, as duas formas, a comunicativa e a egocêntrica, são sociais, embora suas funções sejam diferentes).

É papel do professor, conhecer a criança o suficiente para reconhecer suas dificuldades, em seu comportamento, suas peculiaridades, reconhecer quando ela sente-se constrangida, ou pouco à vontade com alguma situação para poder agir com bom senso de forma a deixá-la mais tranquila com suas limitações, fazer com que ela a supere ao longo de seu desenvolvimento. Freire (1996) nos fala muitas vezes em bom senso em suas obras, e o professor ao praticar o bom senso todos os dias ganha um aliado na construção da autonomia da criança reforçando em:

O meu bom senso me adverte de que há algo a ser compreendido no comportamento de Pedrinho, silencioso, assustado, distante, temeroso, escondendo-se de si mesmo. O bom senso me faz ver que o problema não está nos outros meninos na sua inquietação, no seu alvoroço, na sua vitalidade. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido. Esta é a tarefa da ciência que, sem o bom senso do cientista, pode se desviar e se perder. Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena e, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber. (FREIRE, 1996, p. 113).

A ideia de melhorar, evoluir e de se transformar em um excelente pedagogo e por consequência em um ser humano melhor, estar atento ao que acontece diariamente é um caminho para aprender com o que já foi visto, já foi praticado, para constatar onde se pode modificar e se pode evoluir para que quando analisemos nossas decisões não tenhamos arrependimentos e sim crescimento.

Constato para mudar e não para me acomodar. Seria uma desolação para mim se enquanto ser humano tivesse de reconhecer a minha absoluta incapacidade de intervir eficazmente na realidade. Se tivesse de reconhecer que a minha aptidão de verificar não a longa na de mudar o contexto em que verifiquei, provocando futuras verificações diferentes. (FREIRE, 2000, p. 42).

A evolução do professor deve ser constante, a compreensão de que ele deve acompanhar a evolução de seus alunos, deve aprender a ver e ler todos os sinais enviados por esses em seu comportamento, fará com que ele entenda que a criança é o sujeito fundamental que sem ela não existiria nada, elas são o recomeço de todos os dias, a razão de cada ato social, a esperança de uma progressão social constante

2.2 O diálogo entre professores e crianças no desenvolvimento das atividades

A ideia de deixar a criança livre para criar e evoluir da melhor forma possível vem servindo também de desculpa para alguns profissionais se omitirem ao seu papel de educador e se reservando a somente cuidar e observar, o que sem dúvida nenhuma é um retrocesso às conquistas pedagógicas dos últimos vinte anos.

A responsabilidade do professor no processo de entendimento da necessidade das regras sociais e da disciplina não desaparece pelo histórico de dominação dos pais pela criança já existente anteriormente na família, também não serve como desculpa para não trabalhar o comportamento e a evolução como podemos ver em:

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entraremos quase vencidos na luta pelo nosso salário e contra o desrespeito. Obviamente que reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é a mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. (FREIRE, 1997, p. 32).

O porquê de comportamentos agressivos em crianças tão pequenas pode ser o segredo de descobirmos como agir com elas. A forma como o exterior a influência diariamente, é uma fonte de informação de seu comportamento, saber observar as crianças um pouco mais atentamente pode nos dar ideias de como intervir nesses casos delicados que surgem diariamente, pode ter uma ligação direta com o histórico social e familiar da criança como podemos acompanhar em:

O fato de as influências sociais operarem muito cedo na vida da criança sugere que uma atenção especial que deve ser focalizada no processo de seu desenvolvimento. Valores morais, atitudes sociais e estabilidade emocional podem ser afetadas pela experiência social precoce (ou pela sua falta). (SANTOS, 2002, p. 204).

A ideia de melhorar, evoluir e de se transformar em um excelente pedagogo e por consequência em um ser humano melhor, além de estar atento ao que acontece diariamente é um caminho para aprender com o que já foi visto, já foi praticado, para constatar onde se pode modificar e evoluir para que, então, quando analisemos nossas decisões não tenhamos arrependimentos e sim crescimento como Freire (2000, p. 42) nos diz:

Constato para mudar e não para me acomodar. Seria uma desolação para mim se enquanto ser humano tivesse de reconhecer a minha absoluta incapacidade de intervir eficazmente na realidade. Se tivesse de reconhecer que a minha aptidão de verificar não a longa na de mudar o contexto em que verifiquei, provocando futuras verificações diferentes.

O profissional que se propor a ser pedagogo assume responsabilidades com a educação da criança e com sua evolução social que consiste em se preocupar como ela se comporta ao alimentar-se, como ela trata os colegas quando está fazendo a refeição etc. A preocupação, do professor pedagogo não deve ser limitada ao cuidado com a segurança e a higiene, o entendimento de suas responsabilidades fará com que seu comportamento mude em relação à criança e sua família.

Nesse contexto é necessário entender que as famílias de hoje enfrentam obstáculos não observados antigamente: mães que trabalham de dia e estudam à noite; crianças que passam mais tempo com babás, avós ou em creches e escolinhas de apoio privadas ou públicas.

2.3 O cotidiano das turmas com crianças com dificuldades de socialização

A pesquisa de campo foi realizada em duas instituições de Educação Infantil situadas na cidade de Sinop, MT. Uma delas localizada no Bairro Jardim Paulista e a outra localizada no Bairro Residencial Gente Feliz. Localizações nos extremos da cidade.

A primeira instituição é localizada em um bairro bem antigo da cidade com mais de dezoito anos de fundação e com cerca de dois mil e quinhentos habitantes. Tem sua grande maioria de habitantes com residência própria, porém também conta, como na grande maioria dos bairros de Sinop, com uma população flutuante que mora de aluguel, o que ocasiona algumas eventuais transferências de criança de uma creche para outra na transição de um ano para o outro, segundo declarações da secretaria da instituição.

A segunda instituição se localiza em um bairro menor com cerca de mil e quinhentos habitantes e um pouco mais afastado, a instituição atende mais quatro bairros vizinhos. Porém a maior parte das crianças frequentadoras da creche mora no bairro onde a instituição se localiza. Realizaram-se observações e entrevistas nas duas instituições, onde a primeira denominamos como Professora 1 e Coordenadora 1 da primeira instituição e Professora 2 da segunda instituição.

As entrevistas se deram informalmente a maioria por áudio. Serão transcritas abaixo na ordem em que as professoras relataram nas gravações.

1. Pode nos relatar a trajetória da criança desde a entrada dela na instituição e seu histórico familiar?

(01) Coordenadora 1: Seguindo a sequência dos fatos, primeiro as brigas dos pais desde muito pequeno, aos seis meses de idade a mãe foi embora de casa deixando a criança sozinha com o pai, em uma fase que a criança ainda é muito ligada à mãe. Em seguida o pai foi morar com os avós paternos da criança e novamente vieram os conflitos entre o pai da criança e as avós, seguido da mudança para outra casa, agora sozinhos somente os dois. A criança teve o primeiro contato com a creche aos oito meses de idade nesta mesma instituição. Sua adaptação foi bem difícil já no berçário segundo o depoimento da coordenadora pedagógica que na época era professora do berçário nos relatou que a criança em questão sempre apresentou inquietação, um choro excessivo por vários motivos, a criança tinha muita dificuldade de socializar e logo apareceu o problema das mordidas que foi uma das primeiras reações mais agressivas da criança no convívio com as demais.

2. Em relação ao aluno que não se alimenta na instituição, qual a posição tomada em relação à família e à criança?

(02) Professora 1: Já havia conversado com o pai da criança e o mesmo disse que em casa ele comia muito bem e a criança tinha uma aparência muito saudável era até bem gordinho, o que dava certa tranquilidade mesmo com a alimentação deficitária da criança na creche.

3. Quanto ao tempo no parque de areia, na hora de voltar para a sala como a criança agia e qual o seu posicionamento em relação a ela?

(03) Professora 1: Embora ele não me batesse ou mordesse, era um momento em que a criança chorava muito se debatia e se jogava no chão, por vezes corria sério risco de se machucar ou machucar alguém mesmo sem querer, pois acredito que ele realmente não tinha noção da força que usava e nem do risco que corria naquele momento, esse momento era bastante constrangedor para mim que tentavam acalmar a criança de várias formas e por vezes conseguia, mas vezes não.

4. A criança teve melhora no comportamento?

(04) Professora P1: Penso que sim, nesse último ano uma melhora visível no comportamento, com exceção da hora do parque, mas melhorou em outros aspectos, alimentação e comportamento agressivo, tivemos menos episódios.

5. Você considera os episódios de agressividade e mordida normais na sala de educação infantil?

(05) Professora 2: Claro que não é normal! Mas acontece e como foi relatado no início, alguns pais tem o triste mal habito de brincar de morder os seus filhos e de dar tapinhas, nesse caso a criança não vê a diferença entre essas brincadeiras agressivas e de fato quando a ação do pai é séria. Dessa forma fica difícil trabalhar com a criança que morde pensando que está brincando, bate pensando que está brincando, pois, a agressividade é banalizada em casa.

6. A criança melhorou, com a intervenção e como foi a participação da família?

(06) Professora 2: Não sei explicar bem o que ou como aconteceu, ele não mudou, não se tornou outra criança, não mudou sua personalidade forte talvez apenas precisasse de uma aproximação diferenciada, uma abordagem diferente para um convívio melhor e possibilidade de um desenvolvimento saudável. Na mesma sala havia uma aluna que se arranha, arranhava o rosto até tirar sangue, sozinha, todos na instituição presenciaram várias vezes e a criança dizia para a mãe que tinha sido outro colega não era agressiva com os outros sim com ela mesma talvez para chamar atenção dos pais, tinha apenas três anos.

7. Como foi o progresso das crianças com o dialogo que você desenvolveu com as crianças e os pais?

(07) Professora 2: No início do ano eram duas crianças mais agressivas com os colegas inclusive com mordidas, uma delas mordida enquanto brincava com os colegas, enquanto estava no solário, por brinquedos, era filha única e foi o primeiro ano dela creche, com muito cuidado, conversa e carinho, a agressividade foi passando a criança se aproximando dos colegas, mas isso mudou quando a mãe engravidou do segundo filho e a criança voltou a ser agressiva com os colegas, o que pareceu deixar claro que a criança se sentia ameaçada de perder o colo de não ser mais o bebê, apesar de ainda ser um bebê. [...] No final das contas, uma delas parou era só medo da novidade e ciúmes das outras crianças que passou sozinho sem maiores intervenções por minha parte ou das auxiliares, a menina se sentiu ameaçada pelas outras crianças por falta de costume de brincar em grupos maiores.

9. Qual era a atitude quando acontecia algum episodio agressivo na sala?

(08) Professora 2: Às vezes acontecia de a criança machucar um coleguinha e assim foi por um bom tempo, eu procurava conversar com a criança e explicava que não podia morder fazia isso com todos normalmente reunidos, tentava deixar claro que morder não era bom que machucava o coleguinha, que ele ficava triste. Em

momentos onde a criança estava muito nervosa era preciso que a professora ou uma das auxiliares sentasse com a criança até que a mesma se acalmasse e assim pudesse voltar a brincar com os coleguinhas sem machucá-los.

A busca da compreensão da posição em que a criança se coloca, quando se comporta de forma mais agressiva, no que ela quer demonstrar com aquele comportamento. Parar para pensar que seu interesse era diferente das atividades que realizamos e como fazer ela se interessar pela atividade proposta de forma satisfatória, para que a criança deixe o comportamento agressivo de lado.

A opção de preferir brincar de participar da brincadeira coletiva e não de forma agressiva com lutas entre colegas partirá da própria criança com dialogo e intervenção por parte do professor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos mais importantes deste trabalho estão relacionados com, ao analisar os relatos das professoras das duas instituições e da coordenadora, e das observações, o foco nas intervenções em casos de crianças com dificuldade de socialização e autonomia. O atual estudo apresenta em toda a pesquisa relatos de episódios e intervenções por parte dos professores, para analisar a criança com dificuldade na formação da autonomia, que não consegue socializar com as demais e a intervenção do professor no caso da agressividade quando relatada.

Dessa maneira o pensar, o dialogar e o estudar sobre a criança e seus comportamentos e formas de expressão é algo indispensável em nosso contexto social atual. No qual às vezes passamos mais tempo com a criança que os pais. Entender que somos pedagogos responsáveis na intervenção e no comportamento da criança é sentir-se responsável pela formação não necessariamente alfabética apenas, mas sim do caráter e da autonomia nos primeiros contatos sociais fora da família.

A responsabilidade é a palavra chave nesse trabalho. Colocar-nos no papel de responsáveis na educação das crianças nos colocará na posição de intervenção no comportamento quando necessário. O diálogo entre o professor, a instituição e o apoio nestes casos é fundamental para o professor se sentir preparado para lidar

com crianças que tenham dificuldades na socialização e autonomia. Nas análises feitas, e nos relatos das professoras, não percebemos muito apoio e nem envolvimento por parte das instituições e da direção.

Dialogar com responsabilidade e respeito pode tornar pais, filhos, professores e instituição aliados na educação responsável das crianças, sem culpas e sem remorsos por nenhuma das partes envolvidas, dando às crianças o direito de crescer e evoluir autonomamente, saudável e feliz.

REFERÊNCIAS

COORDENADORA 1. **Coordenadora 1**: depoimento [out. 2016]. Entrevistadora: Maira Aparecida de Lima. Sinop, MT. Questionário (3 f). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre a educação em Sinop.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Olho D'água, 1996.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

VYGOTSKY, Levi Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PROFESSORA 1. **Professora 1**: depoimento [out. 2016]. Entrevistadora: Maira Aparecida de Lima. Sinop, MT. Questionário (3 f). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre a educação em Sinop.

PROFESSORA 2. **Professora 2**: depoimento [maio 2017]. Entrevistador: Maira Aparecida de Lima. Sinop, MT. Questionário (4 f). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre a educação em Sinop.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, à universidade, à minha orientadora Dra. Irene Carrillo Romero Beber, à banca avaliadora, em especial o presidente Dr. Almir Arantes, e a bolsa PIBID que recebi durante o tempo que participei do curso de Pedagogia.